

# MEMÓRIAS DE UM MENINO DA CAPITAL NO INTERIOR: AS NARRATIVAS DO OUTRO COMO FUNDAMENTO PARA UMA ARQUEOLOGIA SENSORIAL

Gustavo Cabral Marins

Mestrando em Arqueologia pela Universidade Federal de Sergipe. Licenciado em História pela Universidade Tiradentes (UNIT/SE). Graduando em Arqueologia pela Universidade Federal de Sergipe.

[guga\\_marins@yahoo.com.br](mailto:guga_marins@yahoo.com.br)

José Roberto Pellini

Pós-doutor pelo MAE/USP. Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo em 2006. Professor Adjunto do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe.

[jrpellini@gmail.com](mailto:jrpellini@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo discutir a interdisciplinaridade entre a Arqueologia Sensorial e o estudo dos grupos sociais identificados que formam a contemporaneidade do município de Capela/SE. Este trabalho está interligado à problemática da pesquisa que estamos realizando no programa de mestrado em Arqueologia-PROARQ-UFS. Pretendemos estabelecer diálogos através das memórias e narrativas dos grupos envolvidos. Serão realizados estudos de caso com o MST, os Ciganos e o imaginário indígena para buscarmos uma problemática sobre esses grupos contemporâneos e a cultura material através das suas narrativas.

**Palavras-chave:** Arqueologia Sensorial. Ciganos. Índios. MST.

**Abstract:** This article aims to discuss the interdisciplinarity between Sensory archeology and the study of the identified social groups that make up the municipality of contemporary Chapel / SE. This work is linked to the issue of research we are carrying out the master's program in Archaeology-PROARQ-UFS. We intend to establish dialogue through the memories and stories of the groups involved. Case studies will be conducted with the MST, the Gypsy and the indigenous imagination to seek a problematic about these contemporary groups and material culture through their narratives.

**Keywords:** Sensory archeology. Gypsies. Indians. MST.

## MEMÓRIAS DE UM MENINO DA CAPITAL NO INTERIOR

Ouvindo essas histórias me faz pensar e refletir sobre o passado/futuro onde o presente me mostrará uma subjetividade acadêmica para “ouvir” essas pessoas esquecidas neste meu trajeto até a cidade. Dando continuidade a essa viagem, outra curva em frente a essa propriedade requer mais cautela ainda. A estrada estreita e com bastante vegetação nas margens dá um aspecto de curiosidades e medos. Um deles é se o carro quebra justamente depois dessa curva, os motoristas aceleram demais nesse trecho da pista. As placas de sinalização que são raras e em locais pouco preocupantes me faz pensar que elas não são a principal atenção dessa viagem até Capela, as histórias querem falar.

O próximo ponto de encontro são as ruínas da antiga Usina Santa Clara e o acampamento do MST (Movimento Sem Terra) por ocupações dessas terras na beira da estrada. Uma dicotomia social que tipifica a realidade de um município caracterizado pela posse da terra. Uma realidade que constituiu propriedades e diverge opiniões em nosso país. Depois falo pontualmente sobre esse grupo e o outro que tratarei neste trabalho. Continuando sobre essa dicotomia, penso que fiquei refém a poucas opiniões sobre essa realidade. Mas, curioso que sou e com as aventuras que aprontei nesta cidade pude ir em busca de opiniões contrárias a tudo que se passa nessa viagem sobre memórias. As lembranças de meus pais afloram em vários aspectos quando passamos por esse ponto da viagem.

Terminada a viagem novas memórias e histórias continuariam a surgir na chegada a casa de meu avô José e minha avó Adeli. Lá eu estava observando todo o cenário e pensando sobre o que iria fazer depois do almoço. A barraquinha de sorvete me atraia, mas sabia que só podia depois do almoço. Então fui logo almoçar para pegar a minha bicicleta e rodar a cidade pelos quatro cantos. Depois da maravilhosa carne do sol, com feijão, arroz e salada que só Joana sabe fazer fui atrás das minhas balas de leite (que ficava em cima da geladeira e tinha que botar uma cadeira escondida para pegar) que minha avó fazia exclusivamente para mim. Que os meus irmãos e primos não saibam. Os primos da minha idade não gostavam do meu roteiro pela cidade,

então a solidão foi a minha companheira por um bom tempo e me ajudou a perder o medo e conhecer histórias diferentes.

Eu sempre quis ouvir histórias sobre os índios em Capela, mas não encontrava alguém para me contar. Desde então, peguei a minha bicicleta para conhecer a pouco conhecida “Bica”. Um trajeto com subidas e descidas me inspiravam nas pedaladas. Mas um problema me foi alertado e o medo aparecia.

“Cuidado com os ciganos da ladeira da AABB”.

Aquilo me parecia um filme de terror.

“Eles pegam crianças botam nos sacos matam e comem”.

Eu sempre perguntava o porquê disso e todos falavam que eram lendas. Então desacreditei da veracidade e continuei pedalando com muito medo. Finalmente a ladeira se aproximava e o único caminho para a “bica” era por essa via de acesso. Uma ladeira pouco íngreme com metade da pista com paralelepípedos e a outra parte com piçarra. Os buracos me deixavam intrigados porque eu poderia cair e ser “capturado”. A entrada para ir à “bica” era no ramal antes da AABB que fica na parte mais alta da ladeira.

Parado no início da ladeira eu pensei: vou subir correndo e nem vou olhar para eles. “Não olhe direto para o rosto dos ciganos não, eles podem lançar uma praga contra você”.

Essa lembrança não saía de minha cabeça. Voltei um pouco a avenida de acesso à ladeira, peguei um embalo na bicicleta e “voei” para não ser capturado. Parecia uma competição contra o tempo. Quando cheguei na metade do percurso percebo umas pessoas rindo do absurdo que acabara de cometer. Mas o meu foco inibiu mudar o olhar. Quando chego de fato à entrada do ramal e olho para trás percebo alguns jovens e mulheres rindo de mim. O meu medo, inocência e falta de conhecimento me inibiu perceber que eles também estavam me observando. Dei uma risada de canto de boca e continuei com mais medo ainda porque teria que voltar pelo mesmo local.

Continuando agora por uma estrada de barro descí numa banguela radical para encontrar a “bica” para tomar um banho bem gelado, como todos

falavam. Cheguei, deixei minha bicicleta próxima a de alguns meninos e meninas que havia visto na cidade e fui refrescar a cabeça e o suor das pedaladas amedrontadas. Um minadouro que se tornou uma fonte atrativa. Achei bem legal o lugar. Todos sentados como se estivessem em sala de aula começaram a ouvir um senhor contando uma história sobre a “Bica”. Mal sabia que as histórias e o mundo de aventuras sobre os índios de Capela iam sendo ditas pela voz trêmula e apressada deste senhor.

“Vocês sabem como surgiu a Bica”? “Diz a lenda que, antigamente, habitavam na região da “bica” índios da Tribo Tupã, e outros índios que por aqui passavam, da Tribo Tupinambá. O cacique da Tribo Tupã tinha uma linda filha chamada BICA, e o cacique da Tribo Tupinambá, um filho chamado BECA. Certo dia, BECA encontrou-se com BICA e apaixonou-se por ela, mas esse amor era proibido, pois pertenciam a tribos diferentes. Num outro encontro, os dois foram surpreendidos pelo pai de BICA, que não concordou com o enlace e os assassinou de imediato. Isto aconteceu exatamente no lugar onde se encontra os minadouros da “bica”. Por isso, surgiu o nome “Bica”, por ser as lágrimas de BECA e BICA”.

Maravilhado com aquela estória sobre o amor desses índios, sai de lá louco para contar a todos de minha família. Na minha concepção de tempo a volta sempre é mais rápida, por isso, a “ladeira dos ciganos” havia chegado e ainda não tinha percebido. Desci como um louco e esqueci o medo da ida. A minha memória tinha sido enganada pela lenda e fábula contadas naquele paraíso.

No caminho tinha um buraco, tinha um buraco no meio do caminho!

A queda foi muito feia, ralei os dois braços e o joelho esquerdo. O início do choro sumiu quando percebi onde me encontrava. Estava em frente às casas dos ciganos. Fiquei congelado e ainda com o sangue quente da queda. Sem reação, com medo. Vou ser morto agora!

Uma “mão de mãe” alisou o meu cabelo e falou: “venha aqui na calçada para cuidar do seu machucado”.

Pronto, vou morrer, pensei de imediato.

Depois de me servirem água, passaram mertiolate (aquele que ardia muito, alguns lembram muito bem do que estou falando) e riram do meu medo, algo me despertou: eles não são nem assassinos e nem comedores de crianças. Um diálogo começou a fluir com os meninos e meninas da minha idade. A senhora que me ajudou perguntou onde eu morava para comunicar aos meus pais. E pedi para que não fosse feito o comunicado, eu iria andando normal e lá contava o acontecido. As passagens por lá se mantiveram rotineiras quando ia a Capela. Ainda era o motivo para piadas, mas depois disso me tornei piada para outros por jogar bola com os ciganos. O respeito e o conhecimento são a melhor resposta para tudo. Foi o que pude aprender de uma simples queda. Outras “quedas” me mostram diferentes opiniões sobre a vida.

## **AS NARRATIVAS DO OUTRO COMO FUNDAMENTO PARA UMA ARQUEOLOGIA SENSORIAL**

Sem memória não sabemos quem somos, perdemos nossa identidade, nossa personalidade. Sem memória perdemos o senso de continuidade e o senso de história. Memória é a maneira pela qual nos lembramos de um evento, de uma situação, de uma imagem ou de uma emoção. Memória é a representação presente de algo que está ausente. Mas, é pela memória que misturamos sonhos e realidades e nos tornamos um pouco poetas no dia a dia, também é por ela que evocamos lembranças, imagens e emoções que afetam nossa relação com o entorno experimentado. Nossa memória das paisagens, não são nunca memórias virgens, que guardam descrições estereis e objetivas do ambiente, mas fazem parte de uma história maior com a qual interagimos e que nos define (PELLINI, 2014, p. 134-135).

O ser humano é essencialmente composto de memória, a sua memória, a sua cultura, a sua vida. Memória é um conhecimento da Verdade, de quem narra e quem a propaga. Memória é uma construção de conhecimento. A metáfora da memória como um recipiente de armazenamento de ambos tem um apelo popular e é tratada como uma verdade científica (Johnson, 1991). Nossas memórias agem como repositórios de conhecimento. A cognição é centralizada e a memória é vista como um simples processo de recuperação de um banco armazenado de dados simbólicos (Clark 1997, 83). Em vez de tratar a mente, o corpo e o mundo como entidades distintas, ele propõe tratá-los como campos de interação. A mente é mais bem entendida como emergente em suas interações com o mundo. O conhecimento é, portanto, adquirido por meio do engajamento encarnado com o mundo e é dependente das interações entre os contingentes, cérebro, corpo, e mundo (JONES, 2007).

Minha bicicleta era a minha nave e saía “voando” pela Capela. Pois é, a história está legal mas terei que ser mais pontual, o interesse desse trabalho é relatar os possíveis diálogos através de uma Arqueologia Sensorial sobre grupos sociais que formam a contemporaneidade do município de Capela, onde pude vivenciar experiências e opiniões contrárias sobre eles. Os grupos

os quais identifico nesse possível diálogo estão todos eles envolvidos na problemática do reconhecimento e pertencimento de um espaço no tempo.

Para entendermos as histórias e meta-histórias em arqueologia precisamos partir de um pressuposto de quais histórias nós estamos falando e o que nós queremos como meta-história em arqueologia. Entretanto, o estudo do arqueólogo é posto em questionamentos para saber o que cada um pretende falar a respeito do que venha a ser arqueologia, e como essa arqueologia deva ser aplicada e para quem. Não é à toa que a arqueologia ainda é vista como um relato de histórias emocionantes e exóticas, o que não deixa de demonstrar a subjetividade de cada arqueólogo no momento da narração dessas histórias (HOLTORF, 2010).

A aplicabilidade de meta-histórias não é uma ideia nova, o historiador Hayden White (1973) já aplicava a análise dos textos como narrativa (Holtorf, 2010); é por isso que este trabalho vem desenvolver uma meta-história, o que a arqueologia está fazendo? Como devem ser contadas as histórias arqueológicas? Elas precisam ter um modelo acadêmico ou um modelo que agrade ao público interessado nessas informações arqueológicas? Holtorf (2010) nos lembra que precisamos ser cautelosos em relação à forma como é transmitida a meta-histórias para não ser marginalizada como um produto para o público de massa e nos atermos à função que a arqueologia (através das escavações específicas) transmite para a sociedade.

Sabemos que a cultura popular precisa de respostas a respeito dessas histórias específicas da arqueologia e para entendermos a sociedade contemporânea que vivemos Holtorf (2010) demonstra que a única forma é através desta meta-história que envolve personagens numa trama sobre o passado e que dá perspectiva para os dias atuais.

O significado de meta-histórias de arqueologia perpassa pelo papel do arqueólogo como idealizador de um modelo a ser seguido. Entendendo a arqueologia como proporcionadora de significados, estímulos e orientações. Holtorf (2010) encaminha essas posições para adequar o arqueólogo num espaço dentro da sociedade e que o mesmo busque a melhoria das outras pessoas através dessa meta-histórias. Mas, as consequências sociais das ações dos arqueólogos devem ser analisadas em relação a alguns

posicionamentos. Como os mesmos classificam a arqueologia e o passado e como contam essas histórias.

Se considerarmos a paisagem como uma prática, uma memória e uma narrativa precisam estar dispostas a experimentar o espaço em toda sua plenitude, até que este espaço se torne uma paisagem para nós. Precisamos estar sujeitos às práticas cotidianas, sejam de campo ou de qualquer outro tipo, para que assim criemos memórias e narrativas sobre o lugar (PELLINI, 2014). O passado é um mundo que já foi e para entrar nele é necessário um pouco de imaginação (BENDER, 1998 apud PELLINI, 2011).



## ARQUEOLOGIA E MEMÓRIA

A Arqueologia é hoje uma área de conhecimento que desempenha um importante papel na compreensão do passado, na construção da memória coletiva e na gestão do patrimônio. A arqueologia pode ser definida como o domínio científico que, a partir de metodologias consignadas, estuda a diversidade do comportamento humano, usando os vestígios físicos do passado, aos quais subjazem processos socioculturais que lhes deram sentido, que os arqueólogos procuram interpretar (Oração de Sapiência).

As escolhas que fazemos do nosso objeto de trabalho ou de pesquisa nunca são desinteressantes, elas estão de alguma forma ligadas à nossa história de vida, a valores e princípios ideológicos que se definem ao longo de nossas vidas. Identifico 2 (dois) grupos distintos do município que podem ser trabalhados através de uma Arqueologia Sensorial. O grupo dos Ciganos na trajetória inicial e a luta pelo reconhecimento, o MST como paralelo às propriedades e a questão agrária, e, por fim, retratar um imaginário indígena. Esses grupos se encontram no município onde realizo a minha pesquisa da dissertação que trata sobre o Engenho Riacho Grande.

Um primeiro ponto deve ser levantado como critério de desconstrução das divergências. Como reproduzir essas memórias e narrativas? Cada grupo possui as suas narrativas e memórias. Aqui eu narro uma memória de um menino que teve experiências distintas com esses grupos, eles precisam ser ouvidos.

Para Chauí (2008, p. 63), o Estado se apresentava como *produtor de cultura*, conferindo a ela generalidade nacional ao retirar das classes sociais antagônicas o lugar onde a cultura efetivamente se realiza. Há, ainda uma outra modalidade de ação estatal, que data dos anos 1990, em que o Estado propõe o “tratamento moderno da cultura” e considera arcaico apresentar-se como produtor oficial de cultura [...] o Estado passa a operar no interior da cultura com os padrões de mercado.

Por que não oferecer condições para que possam criar formas de registro e preservação da sua memória, da qual são os sujeitos? Por que não oferecer condições teóricas e técnicas para que, conhecendo as várias

modalidades de suportes da memória (documentos, escritos, fotografias, filmes, objetos, etc.), possam preservar sua própria criação como *memória social*? (Chauí, 2008, p. 66).

Acredito que as concepções desses grupos mudaram ao longo desses 15 anos por conta das novas abordagens de compreensão do mundo e consequentemente do Brasil e do local onde residem. Assim como o MST que luta pela reforma agrária. Os índios por sua vez ainda continuam sendo colonizados. Ou por colonizadores cristãos ou pelo processo de industrialização e “progresso” do país.

Hoje não há movimento político que não busque no passado sua legitimidade. O MST e os Ciganos são uns exemplos de movimentos sociais que fazem sua própria leitura da história, buscando elementos no passado que ajudem a reforçar e legitimar a luta pela terra. O problema do confronto de ideias dos representantes desses grupos recai numa generalização confusa e arbitrária. O diálogo e a compreensão são as melhores respostas que a Arqueologia (acadêmica e contratual) precisa ouvir.

## REFERÊNCIAS

LIMA, Tania Andrade. **A Ética que temos e a ética que queremos: (ou como falar de princípios neste conturbado fim de milênio)**, 2000. Anais do IX Congresso da SAB. Rio de Janeiro, UNESA; Furnas, 2000.

MEGALE, Carlos Cesar. **Folha de São Paulo**, 1962.

A. Araújo; L. R. Bonfim: Lampião e a Maria Fumaça. **Veja**, 23 mar.1977, 2002.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. **Crítica y Emancipación**, v.1, p. 53-76, jun. 2008.

HOLTOF, Cornelius. Meta-stories of archaeology. **World Archaeology**, Suécia, School of Cultural Sciences, Linnaeus University, n. 3, 2010.

CORSO, João Carlos. Aproximações Entre Arqueologia e o Estudo dos Movimentos Sociais Contemporâneos: MST e CPT. **Vestígios**, V. 4 n. 2, jul./dez. 2010.

CURY, Marília Xavier. PARA SABER O QUE O PÚBLICO PENSA SOBRE ARQUEOLOGIA... **Arqueologia Pública**, São Paulo, n. 1, p. 31-48, 2006.

FUNARI, Pedro P. A.; OLIVEIRA, Nanci V.; TAMANINI, Elizabete. Arqueologia Pública no Brasil e as Novas Fronteiras. **Praxis Archaeologica**, v. 3, p. 131-138, 2008.

JONES, Andrew. **Memory and Material Culture**. Cambridge University Press: New York, 2007.

ORSER JR. Charles E. Rumo a uma Arqueologia Histórica Global: um exemplo do Brasil. **Vestígios**, v. 6, n. 2, jul./dez. 2012.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. História dos ciganos no Brasil. **Núcleo de Estudos Ciganos**, Recife, 2008, 127p.

PELLINI, José Roberto. O Jardim Secreto: Sentidos, Performance, Memórias e Narrativas. **Vestígios**, v. 8, n. 1, jan./jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Onde está o Gato? Realidade, Arqueologia Sensorial e Paisagem. **Habitus**, Goiânia, v. 9, n.1, p. 17-31, jan./jun. 2011.

\_\_\_\_\_. Paisagens: Práticas, Memórias e Narrativas. **Habitus**, Goiânia, v. 12, n.1, p. 125-142, jan./jun. 2014.

XXXIX Aniversário da Universidade do Minho (20 de fevereiro de 2013). Oração de Sapiência. **Arqueologia e Sociedade**. Desafios da Arqueologia no século XXI. Disponível em:[http://www.uminho.pt/uploads/eventos/EV\\_6701/20130221524761242476.pdf](http://www.uminho.pt/uploads/eventos/EV_6701/20130221524761242476.pdf). Acesso em: 2 mar. 2016.

ACIDENTE com mortes em Capela. Terá sido no ramal, que ficava inteiro dentro do município, ou na linha principal? **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9, mai. 1962.